





John Carter Brown  
Library  
Brown University

JOHN CARTER BROWN  
LIBRARY

Purchased from the  
Trust Fund of  
Lathrop Colgate Harper  
LITT. D.

# S E R M A M

25

QUE PREGOV O P. ANTONIO VIEIRA DA  
Companhia de IESVS, na casa professa da  
mesma Companhia

NA FESTA QUE FEZ A S. ROQUE ANTONIO  
Teles da Silva, &c.

Ut cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiant ei.  
*Lucae cap. 12.*

**V**erdadeiramente, que se algũ hora piẽguei  
sobre thema forçado, se algũ hora naõ tive  
liberdade de eleiçaõ sobre as palavras do  
Evangelho, foi na occasiaõ presente. Nem  
eu pudera tomar outro thema, que o q̃ pro-  
puz, nẽ poderei seguir nelle outra exposiçaõ, q̃ a q̃ logo  
darei, de S. Gregorio. O fim, & intento de todo o Evan-  
gelho he querer Christo seus servos vigilãtes, & prepa-  
rados para quando lhe bater à porta. Isso vẽ a dizer em  
summa as nossas palavras: *Vt cum venerit, & pulsaverit, con-  
festim aperiãt ei.* Se pergũtarmos aos Doutores, quãdo, &  
de q̃ maneira bate Deos às portas de nossas almas: res-  
ponde S. Gregorio Papa no sentido mais literal, q̃ to-  
dos seguem: *Pulsat cum per agritudinis molestias esse mortem  
vicinam designat:* q̃ nos bate Deos às portas d' alma por  
meyo das enfermidades do corpo. Se pergũtarmos mais  
quãdo, & de q̃ maneira abrimos cõ pontualidade a De-  
os; responde o mesmo S. Doutor, & cõ elle muitos ou-  
tros: *Cui confestim aperiimus si hunc cum amore suscipimus:* q̃ a-  
bri-

brimos a Deos com pontualidade, quando o recebemos  
cô amor. De forte q̃ o bater, & o abrir das portas de nos-  
sa alma consiste em bater Deos por enfermidade, & em  
abrirnos nòs por charidade. *Pulsat per agritudinis molesti-*  
*as, Aperimus si cum amore suscipimus.* Bem disse eu logo, q̃  
nê pudera tomar na occasiã presente outro thema, nê  
seguir nelle outra exposiçã. Celebramos hoje as glo-  
riosas memorias do Illustrissimo confessor de Christo  
S. Roque, cujas portas fermosissimas d'alma se estaõ vê-  
do tam batidas, & tam abertas, q̃ duvido qual mais qui-  
sesse fazer nellas a providência Divina se theatro de sua  
paciencia ao Ceo, & exemplar de sua eharidade á terra.  
Encontraõse às portas daquella alma no mesmo tẽpo  
duas mãos, por fora a de Deos batendo; por dẽtro a de  
Roque abrindo, & ainda q̃ o amor não se conquista cõ-  
golpes, quam riguroso insillia Deos no bater, tão amo-  
roso se mostrava Roque ao abrir: Deos batia por enfer-  
midades *Pulsat per agritudinis molestias.* Roque abria por  
charidade. *Aperimus si cum amore suscipimus* Supposta esta  
conformidade facil do Evangelho, parece q̃ se encami-  
nharã o nosso discurso a S. Roque pella correspondência  
maravilhosa que teve sua charidade cõ suas enfermida-  
des. E ainda q̃ eu estava mais para pedir ao S. remedio  
das proprias, q̃ para ponderar finezas das suas; diremos  
em quãto pudermos cõ o favor da Divina graça. *Ave M.*

*Vt cum venerit, & pulsaverit, confestum aperiant ei.*

I Suposto, que nos bate Deos às portas d'alma por  
meyo das enfermidades do corpo, hũa cousa muy sin-  
gular acho no glorioso sogeito de nossa oraçã, & he, q̃  
foi taõ vigilante servo S. Roque em acudir ao bater de  
Deos,

Deos, q̃ não sò acudio, pontualmente quando lhe batia às portas proprias, senão também quando batia às alheas. Lá bateo hũa vez o esposo às portas d'alma Santa; & cõ ser Santa, acudio tam pouco diligente, q̃ quãdo chegou a abrir já o esposo cansado de esperar se tinha partido: *Surrexct vt aperirẽ dilecto meo; at ipse declinaverat, atque transferat.* Verdadeiramẽte q̃ se a esposa dos Cantares não representàra as almas de toda a Igerja, creio que deixara Deos a alma Santa, & se desposara cõ a alma de Roque. A alma santa tal vez acode a Deos, quando lhe bate às portas proprias. Roque, ou lhe bata Deos às proprias, ou às alheas sempre acode diligente.

E se me perguntaõ quando aconteeo isto a S. Roque, quando acudio cõ esta pontualidade a hũ, & outro bater de Deos? digo q̃ sempre, em duas occasioens: ou quando lhe batia Deos às portas proprias, por meyo de enfermidades suas, ou quando batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos: *Pulsat per agnitudinis molestias.* Andando tão fervoroso em hũ, & cutro abrir sua charidade: *Aperimus si cum amore suscipimus:* que das enfermidades alheas adcecia, & cõ as enfermidades proprias curava: das enfermidades alheas tirava doença para si, das enfermidades proprias tirava saude para nòs. Não he modo de encarecer, senão verdade liza. Quãdo S. Roque sahio de Friãça para Italia, o exercicio, & instituto de vida q̃ tomou foi servir aos enfermos nos hospitaes, donde [posto q̃ curou muitos milagrosamẽte] sahio com hũa grave enfermidade, q̃ lhe deu larga matéria de paciẽcia. Voltãdo à patria, & chegando selhe o fim dito de sua peregrinaçaõ, permitio o Sñor, q̃ fosse ferido



de peste, de q̄ morreo em breves dias; mas despois de morto, foi achado com huã tabao nas mãos escrita por ministerio de Anjos, na qual prometia, q̄ todos os enfermos de peste, q̄ se encomendassẽ em sua intercessãõ, sarariaõ da quelle mal. Assi q̄ das enfermidades alheas tirava doença para si, & das enfermidades proprias tirava remedio para nòs. Quando serve aos enfermos toma por premio a doença; quando morre da enfermidade, deixa em testamento a faude. Atè aqui pontualidade de acudir a Deos, atè aqui engenhoso artificio, & artificio extremo de charidade! Adoeceer cõ as enfermidades alheas, & curar cõ as enfermidades proprias. Excellencia he esta q̄ sô duas vezes acho escrita, huma vez junta, outra dividida: se dividida em S. Paulo, & Christo se junta no glorioso S. Roque.

II. Vay contado S. Paulo o muito q̄ tinha padecendo em serviço dos proximos, & diz assi aos Corinthios: *Quis infirmatur, et ego non infirmor*: que homẽ ha q̄ adoeça, q̄ não enferme eu tambem com elle? Notavel dizer! Parece q̄ ou a charidade de hũ bem contagioso, q̄ se pèga a todos os males, ou todos os males sãõ contagiosos em respeito da charidade, q̄ se pegão a quem a tem; *quis infirmatur, & ego non infirmor*? Mas como pòde ser (vamos à razão) como pode ser, q̄ adoeceffe S. Paulo das enfermidades alheas, & q̄ sentindo cadahum as suas, Paulo padeceffe as de todos; Là os outros enfermavam, & cã Paulo adoecia! como pode isto ser? Na charidade do Apostolo temos a solução da duvida. Cõmo a charidade essencialmente he união, & união perfeitissima, de tal maneira une os proximos entre si, q̄ se eu tenho charidade,

dade, cada proximo he outro eu, *ut sint unum, sicut nos unum sumus*, & como por estes laços sobrenaturaes os homens se unem entre si, & se identificaõ reciprocamente; daqui vem q̃ pode, antes deve cadahum adoeecer das enfermidades do outro, porq̃ necessariamente hão de ser os accidentes cõmundos onde o sujeito he o mesmo. Por isso S. Paulo (& o mesmo digo de S. Roque) adoezia das enfermidades alheas, & sentindo cadahum as suas, elle padecia as de todos; tudo por beneficio de sua charidade. Adoezia das enfermidades alheas porq̃ a uniaõ reciproca do amor as fazia proprias; & sentindo cada hum o seu mal, elle padecia o de todos, porq̃ sendo hũ sò por natureza era todos por charidade. *Quam admodum si universa orbis ecclesia esse sit in unoquoque membro discruciabatur*, diz S. Ioaõ Chrysostomo. Adoezia em todos por sentimento, porque vivia em todos por amor. *quis infirmatur, & ego non infirmor*

Donde ami me parece, podemos dizer por hũa certa analogia q̃ o q̃ lhe faltou a Deos em quãto causa primeira por perfeiçaõ de sua simplicidade, suprio S. Paulo, & S. Roque por perfeiçaõ de sua charidade. Deos N. S. (como ensinaõ os Teologos) he primeira cauza activa mas não he primeira cauza passiva. He primeira cauza activa, porq̃ por sua immensidade, & omnipotẽcia obra cõ todos os que obram, concorrendo juntamente cõ elles: & nam he primeira causa passiva, porq̃ por sua simplicidade, & immutabilidade, não pode padecer em si, nem receber accidentes estranhos. De maneira q̃ obra Deos con todos os q̃ obram, mas não padece com os q̃ padecem. Pois esta generalidade, & extensaõ, que tem

Deos, em quanto causa primeira por perfeição de sua simplicidade, esta suprio S. Roque cō S. Paulo por perfeição de sua charidade. Deos como primeira causa activa, obra com todos os q. obram, Roque como primeira causa passiva, padece com todos os q. padecem, & assi como he brazam da Omnipotencia Divina, que ninguem pode obrar sem Deos. *Sine me nihil potestis facere*; assi he brazam da charidade de Roque q. ninguẽ pode padecer sē elle. *Quis infirmatur, & ego nō infirmor?*

III Este sois divino Roque, este ao mundo todo por beneficio, & este aos Religiosos desta caza por imitação; q. pouco fora recebello debaixo de vosso patrocinio, se lhe nam communicareis juntamente as gloriosas participações de vosso fervoroso espiritu. Verdadeiramente q. quando cōsidero (sejame licito ao menos pelos privilegios de estranho dizer o q. venero, & o q. admiro) quando considero a verdade com q. pōde dizer a casa de S. Roque: *Quis infirmatur, & ego nō infirmor?* Que enfermidades, q. males, q. trabalhos ha em Lisboa, q. a charidade desta casa nã participe: Nos hospitaes, nos carcerees, nas afflicções, & sentimentos particulares, q. sēpre sãõ mais q. os publicos que os padece neste grãde povo, q. nãõ reparta sua paciencia com a charidade dos Religiosos desta casa? Que enfermo q. os nãõ tenha á cabeceira? q. preso q. os nãõ ache à grade? q. cōdenado q. os nãõ leve consigo ao lugar do supplicio? finalmete, q. necessidade spiritual, ou tēporal q. nãõ venha buscar aqui, ou o remedio, ou alivio, ou a cōpanhia? Quãdo tudo isto cōsidero, me persuado q. deve esta graça a Cōpanhia ao glorioso padroeiro desta casa, & q. agozãõ os

Reli-



Religiosos della, mais por padres de S. Roque, q̃ por filhos de S. Ignacio. Lá quãdo aquelles Anjos peregrinos se agazalharaõ em casa de Abrahão, louva muito Lypomano a charidade. cõ que Sara, & Ismael os serviaõ, mas naõ conhece nelles esta virtude pello q̃ tinhaõ de parêntes, senão pello q̃ tinhaõ de domesticos de Abrahão *Vxor accellera puer festinat: nullus piger est in domo sapientis.* De maneira q̃ era filho Ismael de Abrahão, mas aquella diligência, & charidade não resplandecia nelle, porq̃ nascera de seu sangue, senão porq̃ vivia em sua casa: era filho dilegête, & charitativo, mas não era diligente charitativo por filho, senão por domestico, *Nullus piger est in domo sapientis.* Algũa razão tenho eu logo para dizer, q̃ devem os Religiosos desta, casa os fervores de sua charidade a S. Roque mais q̃ a S. Ignacio: porq̃ de S. Ignacio são filhos, mas de S. Roque domesticos. Não são isto privilegios da filhação, são prôveitos da moradia: no instituto, são obrigaçoens da vida q̃ professamos, no exercicio, são influências da casa em q̃ vivemos.

Nem eu cuido q̃ se poderà agravar meu Padre S. Ignacio de eu o considerar assi, porq̃ estas graças, ou estas glorias todas tornaõ a demandar a fonte donde manáraõ, & S. Roque tâbê foi filho de S. Ignacio. Não digo isto por querer imitar a devação, cõ q̃ algũas Religioens perfilharaõ os Santos alheos, porq̃ estes piedosos latrocínios sô se podem dissimular (posto q̃ nam encubrir) na cõfuzaõ das antiguidades, & a nossa religião he tão pouco antiga, q̃ mais se conhece de vista, q̃ de memoria O q̃ digo, & o q̃ entendo, he q̃ S. Roque foi professo da Companhia em Spirito, & filh de S.

Ignacio em Prophecia. A forma de vida, q por morte de seus pays tomou S. Roque foi esta: renuncia seus estados, q era senhor de Mompelher, reparte cõ os pobres suas riquezas, parte a Italia, & alli, como dissemos, applicase a servir aos enfermos, tratando do remedio de seus males, como se foram proprios. Pois glorioso Roque, Francez Divino, q impetu de spirito he este vosso? que trocados de vida saõ estestaõ contrapostos? aqui renũciais os bẽs proprios? alli tomais á vossa conta os males alheos? Si; q isto he ser professo da Companhia. O instituto da Cõpanhia professa, cõsiste em renũciar os bens proprios, e fazer proprios os males alheos. Cõsiste em renũciar os bẽs proprios, porq nenhũa casa professa da Cõpanhia pòde ter propriedade algũa, nem ainda para o culto Divino, de q he tam zelosa: & consiste em fazer proprios os males alheos, porq esse he o voto, & o brigaçaõ dos professos, acudir aos males communs, & dos proximos como se foraõ proprios, & particulares. Este he o instituto da Cõpanhia professa, e esta a vida, q professou S. Roque, seguindo em prophecia os exemplares de seu, & nosso Padre S. Ignacio, & para q não cuide alguem q perverte a ordem dos tempos, & chamo exemplares ao q devèra chamar imitaçoens, fiarmeha o pẽsamento S. Ilodoro Pelusiota, q ainda em mais anticipada acçaõ o considerou assi.

Considera S. Ilodoro Pelusiota o amor, & resulaçam cõ q Rebecca para grangear a bençaõ a Iacob se expoz ao perigo da maldiçaõ q elle temia, e diz desta maneira *Rebecca Apostolica animi magnitudini prædita.* verdadeiramente: Rebecca cõ grandeza de animo Apostolico, notai;

Rebecca foi antes da vinda de Christo mais de deus mil annos, & ja entã diz S. Isidoro q̃ seguia as pisadas dos Apostolos, & q̃ copiava em anticipadas imitaçoens os futuros exemplares de seu spiritu. E isto como, ou em q̃? Advertidamente o Pelo siota. *Vt ipsius filius benedictione consequeretur bonis quidem ipse cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Consilia esta imitaçã do spiritu Apostolico em q̃ Rebecca pera negociar a bençaõ a Iacob renunciava nelle todos os bens, & tomava para si todos os males: *bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Esta he a summa de perfeiçã, & profissaõ Apostolica fazer alheos os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. E se porq̃ o fez assi Rebecca diz S. Isidoro q̃ imitou em a Prophecia o spiritu dos primeiros Apostolos, q̃ muito q̃ fazendo o mesmo; S. Roque, diga eu tambem q̃ imitou em prophecia o fundador dos Apostolos segundos? Mas seja embora como a devaçã de cadahum o quizer considerar, o certo he q̃ de S. Roque mais immediatamente se deriva aos Religiosos desta casa aquelle fervoroso spiritu de charidade, cõ q̃ despois de alienarẽ de si todos os bens proprios, se a propriaõ, taõ intimamente dos males dos proximos, q̃ puderaõ bem dizer se o não callãra sua modestia cõ o Apostolo: *Quis infirmatur, & ego non infirmor.*

Assi dizia S. Paulo, & melhor q̃ assi o pode dizer S. Roque: porq̃ ainda q̃ S. Paulo diga a boca cheia q̃ adoeccia de enfermidades alheas: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* he certo, & todos os Doutores interpretaõ assi, que sò adoeccia spiritualmente por sentimento, & não corporalmente por enfermidade. Porem o zelo, sem exē-

plar, de Roque, de tal maneira o entranhava nos males dos proximos, q̃ não só adoezia na alma por sentimento compassivo, senão q̃ chegou a adoecer no corpo como vimos, por enfermidade verdadeira; vencendo nesta circumstancia de charidade a mesma charidade de S. Paulo. Dizia de si o Propheta Rey *Tabescere me facit zelus meus, id est charitas mea*: o meu zelo, a minha charidade me faz andar palido, andar enfermo, andar tifico, andar mirado. Pois como se o zelo charitativo he hũa virtude q̃ esta na alma, como adoezia de zelo David, & se entificava no corpo: *zelo corpore tabescit*; Glosa aqui a Interlineal. A razão deste excessso he porq̃ os affectos de nossa alma se são extremadamēte intēsos ateamse pella visinhança ao corpo, chegando o corpo a padecer por enfermidade o q̃ a alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata; & como a charidade he hũ affecto ardente, chega tal vez adilatarse tanto, q̃ não cabendo na estreiteza onde nasceo, ou rebenta o coração, & morrestes: ou se communica ao corpo, & enfermastes: *Tabescere me facit charitas mea*, Tal foi a charidade de Roque não chegando a ser tal a charidade de Paulo: para q̃ se veja quam vigilante servo se mostrou em abrir a Deos quando lhe batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos. *Vt cum venerit, & pulsaverit pulsat. per agnitudo nis molestias confestim aperiant ei: aperimus si cū amore suscipimus.*

III E amor q̃ era taõ Argos em acudir a Deos quando batia às portas de outros, ja se vê quam vigilante seria em abrir quando lhe batia às suas. Andou taõ engenhosa tambem aqui a charidade de S. Roque, q̃ se lá em emu-

emulação de S. Paulo soube adoecer com as enfermidades alheas , á em imitação de Christo soube curar cõ as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina he privilegio soberano, q̃ sò em Christo Senhor nosso se acha, de quẽ diz o Propheta Isaías , *livore ejus sanati sumus*, q̃ suas enfermidades, ou dores foraõ nossa saude . Com menos facilidade, mas cõ mais galantaria o disse o Evangelista S. Matheus, & he hum dos textos de sua historia , q̃ reconhecem os interpetres por mais difficultosos. Sárou Christo em Capharnaum grande multidaõ de doẽtes de diversas enfermidades, e referindo S. Matheus este milagre, diz assi. *Omnes males habentes curavit, ut adimpleretur quod dictũ est per Isaiam prophetam dicentem ipse infirmitates nostras accepit, & aegritudinis nostras portavit* Curou Christo todos os enfermos, q̃ lhe apresentaraõ diz S. Matheus, & aqui se comprio o q̃ disse o Propheta Isaías, que tomaria Christo em sy nossas penas, & padeceria nossas enfermidades: Notavel allegar de profecias por certo? Se Christo estava curando enfermos, & a profecia diz q̃ havia de padecer nossas infirmitades, como se comprio neste caso a profecia? Padecer infirmitades, & curar enfermos, he a mesma cousa? Em Christo sy; a mesma cousa he em Christo padecer enfermidades q̃ curar enfermos, porq̃ a paciencia de suas dores foi o remedio, & medicina das nossas: *livore ejus sanatis sumus*. Por isso o Evangelista quando vio a Christo milagrosamente medico logo o cõsiderou infallivelmente enfermo, porq̃ aquelles effectos de curar eraõ certezas de adoecer, Onde a enfermidade era medicina não podia ter saude quem a dava *Et de fuit sanitas ne nobis deesset*: disse com propriedade o O leastro. Tal



Tal o grande imitador da charidade de Christo S. Roque; q̃ do sofrimẽto de suas enfermidades fez merecimento de nossa saude, & morreo ferido de peste sem remedio, paraq̃ tivessẽ remedio os feridos de peste. Quẽ visse estar morrẽdo do mal de peste a Roque, & o tivesse visto curar milagrosamẽte a tantos do mesmo mal, parece q̃ podera dizer ao Santo por admiração o q̃ no calvario disseraõ a Christo por afronta. *Alios salvos fecit se ipsum nõ potest saluum facere*: pode salvar aos outros, & assi não se pode salvar. Pois se fãrou de peste a tãtos, porq̃ senão cura também assi? Sabeis porque? Não se curou S. Roque assi, porq̃ quiz que sarassamos nós: *Et de fuit sanitas nẽ nobis deesset*. Offereceo a Deos sua enfermidade por nossa saude, sua vida por nossa morte: adoeceo para que sãrassem os, morreo para q̃ vivessemos: & ainda que tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quis empregar esta graça em sua vida para poder testar della na morte. Assi o diziaõ as taboas de seu testamẽto. Ha mais fino amor dos proximos? ha mais perfeita, ha mas divina charidade q̃ esta? Julgoa por tam divina, q̃ não foraõ menos q̃ demonstraçoens de divindade em Christo, os que foraõ effeitos de charidade em Roque.

Esteve S. Thome incredulo da resurreição cõ os outros discipulos, entra Christo cõ as portas cerradas abre as das mãos, e do lado chega Thomẽ, e apenas tinha visto, ou tocado as chagas, quãdo cae aos pès do Senhor dizendo: *Dominus meus*, & *Deus meus*: reconheço Sñor q̃ sois o meu Senhor, & creyo q̃ sois meu Deos. Mais cre Thomẽ do que duvida: porque sò duvidava de hũ homem resucitado, & reconheceo mais por Deos verdadeiro.

deiro. Pois, discipulo incredulo, atègora não crieis tam obstinado como ja crèdes taõ resoluto? E se nũqua reconhecestes em vosso mestre mais q̃ a humanidade, como o confessais por Deos tam subitamẽte! q̃ he o q̃ vistes nelle! q̃ he o q̃ descobristes de novo! Vi (diz Thomé) q̃ deixou este Senhor as mãos, & lado aberto para réder minha incredulidade, & quẽ não fecha as suas chagas, para ter com que curar as minhas, he mais q̃ homem he Deos: *Dominus meus, & Deus meus!* Novo genere vestigia vulnerũ divinitate perhiberent testimonium. Exclama Santo Agostinho: cousainova, & prodigiosa, que chagas de hũ corpo humano sejaõ testimonho de natureza divina. Mas que menos se pode arguir, que divindade, em quem deixa abertas chagas proprias para ter com que curar as alheas? *Voluit exhibere in illa carne citratices vulnerum ut vulnere sanare incredulitatis*, diz o mesmo S. Agostinho. Estes pois q̃ foram argumentos de divindade em Christo, foraõ effeitos de charidade em Roque; o qual podendo sãrar do mal de q̃ estava ferido, não quiz fechar suas chagas para ter com que curar as nossas, & renunciãdo, com mayor milagre, os milagrosos privilegios de sua virtude, quiz morrer indefenso às mãos da peste, para que a peste morresse a suas mãos. Assim abria Roque por charidade, quando assim batia Deos por enfermidades. *Pulsat per aggritudinis molestias, aperimus si cum amore suscipimus.*

V. Amãos de Roque morreo, & morre a peste, ou reconhecendo a virtude, ou obedecendo à violencia de sua intercessam; onde eu noto, quam bem se corresponde aqui o premio, & o merecimento

porq̃ este segundo curar foi premio daquelle primeiro adoeecer. Sobre o *Præcinget se: & sint lumbi vestri præincti* do Evangelho, notou com agudeza S. Pedro Chryso- logo que paga Deos na mesma moeda os serviços, q̃ lhe fazem os homens. Cingivos pera me servir a mi, diz Christo, q̃ eu me cingirey (quem não affombra!) para vos servir a vós. E como a liberalidade de Deos he tão pontual nas correspondencias: com q̃ mais igualmente se avia de primiar hum bem contagioso, q̃ cõ dominar males contagiosos? Lã dissemos no principio q̃ a charidade de S. Roque em emulação de S. Paulo era hum bem contagioso, q̃ se pegava aos males, pois em pago de hũa virtude, q̃ he bem contagioso, dese a Sam Roque virtude de curar males contagiosos. Algũa cou- sa disto temos em Ioseph.

Amava sua Senhora a Ioseph tão perdidamente co- mo sabemos; passou a affeição a locura, passaraõ as signi- ficaçoens a violencias: deixou lhe em fim o casto moço a capa nas mãos, & daqui se trocou aquelle excessivo a- mor em taes excessos de aborrecimento, q̃ dos laços de- seados se forjaram prisoens executivas, & foi posto em ferros Ioseph. Pois, Egypcia infiel, q̃ mudança he esta tão repêтина? Pouco ha tanto amor, & agora tanto abor- recimento? Se querias conquistar a vontade de Iose- ph; principio foi de victoria, ficar com os despojos nas mãos. Pois porque nam continua teu amor a empre- sa; porque a borreces tanto, a quem amavas ha tam pouco? Quereis ouvir com admiração, porque; Porque lhe ficou nas mãos a capa de Ioseph. Assi como se pegaõ as enfermidades, tambem se pèga a saude. Se bastão os

ves-

vestidos de hum enfermo para se pegarẽ os achaques do corpo, tambem bastaõ os vestidos de hum S. para se pegarem os affectos d'alma. Qual cuidais q foi o principio da converlaõ de S. Paulo? Altamente o penetrou o juizo de Bernardo. Entre os q apedrejavaõ a S. Este-  
vaõ andava tambem S. Paulo antes de convertido, o qual foi tam venturoso q lhe coube a sua conta guar-  
dar as vestiduras do martyr. *Deposuerunt vestimenta sua se-  
cus pedes adolescentis, qui vocabatur Sa lus.* E q se seguio  
dahi? Seguiote, diz S. Bernardo, q pello toque daque-  
las roupas, começou Deos a lhe tocar na alma; & dos  
vestidos de Estevaõ a quem apedrejava, se lhe pegou  
a mesma Fè, porque Estevaõ morria. *Deponuntur vesti-  
menta martyri ad pedes persecutoris, qui ad tactum sacrarum  
vestiam fuerat convertendus.* Com particular providencia  
do Ceo se entregaraõ ao perseguidor os vestidos do  
martyr, para que tocandoos se lhe pegasse a fè, & viesse  
a seguir, como veyo, a ley q perseguiu. *Qui ad tactum sa-  
crarum vestiam fuerat convertendus.* Assi se cõverteo Sau-  
lo em Paulo, & assi se trocou o amor da Egypcia em a-  
borrecimento. Ficou a Egypcia com a capa de Ioseph  
nas mãos: *Relicto in manus ejus pallio fugit;* & como pellos  
vestidos dos Santos se pegaõ as inclinaçoens, & af-  
fectos da alma, aborreceo logo a Egypcia a Ioseph por-  
q Ioseph aborrecia a Egypcia. Cõunicou selhe o abor-  
recimẽto ao coraçã pello tacto, & pegou selhe a des-  
feizaõ de Ioseph, sò porque pegou em suas roupas sa-  
gradas; *Ad tactum sacrarum vestium.*

Mas donde mereceo Ioseph (ainda naõ se chamamos o  
pensamento) donde mereceo Ioseph que se lhe con-  
cedesse

cedesse já então o que foi privilegio singular do pro-  
thomartyr, & q̃ ao toque santamente contagioso de  
suas roupas se produzissem tão maravilhosos effeitos?  
Se hey de dizer o que entendo, acho que nesta mes-  
ma acção teve Ioseph o merecimento, & o premio. E se  
naõ, pergũto, porque deixou Ioseph a capa nas mãos da  
Egypcia; Deixar em poder de seu inimigo hũa testimu-  
nha falsa contra sua innocencia, mais he temeridade,  
que confiança. Pois porque naõ faz força para trazer a  
capa consigo, porq̃ não resiste, porq̃ a larga das mãos?  
Venturosamente ao intento S. Ambrosio *Contagium ju-  
dicavit si divitus moraretur, ne per manus adulteræ libidinis in-  
centiva transierent, itaque vestem exuit.* Largou Ioseph a  
capa nas mãos de Egypcia porq̃ julgou q̃ era mal con-  
tagioso seu torpe amor, & naõ quiz q̃ pellas roupas se  
lhe pegasse a peste. *Cõtadium judicavit; itaque vestem exuit.*  
*Absy!* E Ioseph tem por mal contagioso o amor da Egy-  
pcia; pois seja bem contagioso o desamor de Ioseph.  
Vos tẽdes por mal contagioso sua impureza; pois se-  
ja bem contagioso vossa castidade. De sorte q̃ juntamẽ-  
te naquella capa avia hum mal, & hum bem ambos  
contagiosos: o torpe amor da Egypcia de cujo conta-  
gio fugio Ioseph, & o casto de amor de Ioseph, cujo cõ-  
tagio em parte se pegou à Egypcia. Pois assi como  
Deos concedeo a Ioseph q̃ fosse bem contagioso sua  
virtude, porq̃ teve por mal cõtadio o vicio alheyo; as-  
si concedeo a S. Roque q̃ sãrasse de males contagiosos  
sua intercessãõ, porq̃ fora bem contagioso sua chari-  
dade. Foi a charidade de S. Roque hum bem tão cõtá-  
gioso, q̃ se lhe pegavaõ os males, & doencas de todo:



*Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Pois seja digno premio desta contagiosa virtude q̃ todos os males se rendam a seu imperio, & q̃ não haja contágiaõ, nem peste no mūdo, onde chegar a intercessaõ, & nome de Roque.

VI. Estes são os merecidos prodigios de vossa charidade, glorioso, & poderoso Santo; & pois como divino advogado da peste exercitais tão obedecido dominio sobre todos os males contagiosos, hũa petiçaõ vos quero fazer, q̃ será a materia desta segunda parte, fio q̃ vos não seja menos agradavel, q̃ a primeira, porq̃ os animos dezechosos de fazer bẽ, mais os lisongea quẽ lhes pede q̃ quẽ os louva. A petiçaõ q̃ faço, e a mercẽ q̃ vos peço, divino Roque, he q̃ livreis o nosso Reyno de duas pestes muy perigosas, q̃ não sey se vão ja corrôpẽdo o saudavel clima de seus ares. São cõsequências da guerra estas tão certas, como danosas: *Surget gens ingentem, & regnũ adversus regnum, & erunt pestilentie*. Alguns haverã q̃ seguindo a resoluçã de David dezechariaõ antes remedio para a guerra que para a peste: mas eu pella mesma razã temo mais os rebates da peste, q̃ os rebates da guerra. Poz Deos a David em sua eleiçaõ q̃ de dous ou tres males, q̃ lhe ameaçava, escolhesse livremente o q̃ mais quizesse: & com ser tão grande soldado David, quiz antes peste q̃ guerra. A razã deu o mesmo Rey, como aponta o texto. *Quia melius, ut incidam in manus Domini, quam in manus hominum*. Porq̃ a guerra estava nas mãos dos homens, & a peste nas mãos de Deos; sempre sam menores os males, q̃ se dispensaõ pella mã de Deos, q̃ os q̃ se executam pella mã dos homens. Por esta razã temeo mais David a guerra, q̃ a peste; & pella mesma

temo eu mais a peste que a guerra; porq se lã a guerra estava nas mãos dos homens, & a peste nas mãos de Deos, cã a guerra estã nas mãos de Deos, & a peste nas mãos dos homens. A guerra estã nas mãos de Deos, porque Deos a tomou à sua conta, & nos dà tão milagrosos successos como cadadia vemos: & a peste estã nas mãos dos homens, porque os homens sam os que encontraõ (naõ fallo das rêtaçoens, senão dos effeitos) ou ao menos de-fajudam o bem da patria.

Ora eu me puz a considerar como chamaria a estas duas pestes, que digo de Portugal; & por lhe naõ fazer as deffiniçoens compridas, deffinias assi. Pouca fee, & muita fee. Pouca fee, isto he pouca fidelidade: Muita fee, isto he muita confiança. Muito confiados & pouco confidentes sam em Portugal os feridos da peste, de que Deos nos livre. Máo he que tenhamos occasiam de dizer isto entre Portugueses, mas pior fora se senam estranhãra. Cuido que o mostrarey de maneira, que ao menos, senam persuadir o remedio, hey de justificar o queixume. Que esteja apestado de pouca fee Portugal o povo diz commummente, & cuida, que o prova; mas ainda que authoridade de povo he tam grande, que ella só bastou para canonizar a Sam Roque, julgue Deos os coraçoens de cada hum, que eu só das mãos quero fazer juizo. Argumento assi. He certo que nas Cortes passidas se prometteram subsidios para a guerra quantos fossem necessarios à conservaçam do Reyno. Tambem he certo que se intentaram donativos, que se multiplicaram tributos, que se introduziram decimas, que se acrescentou à moeda

da o cunho, & o preço; & cõ tudo vemos que he necessario repetir Cortes para arbitrar novos modos de tirar dinheiro effectivo, porque cada hum guarda o seu, & ha muy poucos que paguê o que lhes toca. Os muitos poderosos por privilegio, os pouco poderosos por impossibilidade, cada hum trata de lançar a carga aos hombros do outro, & tal vez caê no cham, porque nam ha quem a sostente. He isto assi? ainda mal. Bem digo eu logo, que ha pouca fê em Portugal. Fê taõ apertada de mãos, naõ he verdadeira fê.

Diz Christo no nosso Evangelho: *Lucernæ ardentes in manibus vestris*: Que tenhamos tochas accezas nas mãos. Suposto que o lume destas tochas signifição lume da fê; porque diz Christo que o tenhamos nas mãos: *In manibus vestris*? Os actos da fê, no entendimento se produzem, no entendimento se recebem; pois se a fê està no entendimento, como a poem Christo agora nas mãos, *Lucernæ ardentes in manibus vestris*? Hũa razam muy verdadeira he, porque a fê practica, que Christo aqui ensinava, nam consiste tanto em verdades do entendimento, quanto em liberalidade das mãos. Nam he mais fiel quem melhor discorre, se nam quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo a fê em figura de tochas; porque a tocha se està accesa gastase, & se nam se gasta, està apagada. O quantas tochas, que pudèram luzir gloriosas, se vem nesta occasiam apagadas miseravelmente! *Lucernæ ardentes in manibus vestris*: Portuguezes; se a fê he tam ardente como deve ser veja se luzir nas mãos. Apertarense as mãos, he final de frieza, & que nam arde fogo no cora-

cam. Amavam muito os Magos, & criam verdadey-  
ramente naquelle Rey que acclamaram em Ierusalem,  
& como sabios vede a protestaçam que fizeram de sua  
fè. *Proidentes adoraverunt, & apertis thesauris suis ob-*  
*tulerunt.* Postrados por terra adoraram, & abrindo seus  
thesouros offereceraõ. São Leaõ Papa. *Quod cordibus cre-*  
*dunt, muneribus protestantur.* Na liberalidade com que  
davam, protestaram a verdade com que criam; & por-  
que dahi costuma estar o coração onde està o thesou-  
ro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus cora-  
çoens. *Quod cordibus credunt, muneribus, protestantur.* Se  
vissemos que entravam os Magos em o presepio, & que  
vendo naquelle estado a seu Rey, lhe nam faziam ser-  
viço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com  
muita razam que nam criam nelle verdadeiramente,  
& que aquellas cortezias foram enganosas, & a quel-  
las adoraçoens fingidas. Adorar, & não offerecer, quã-  
do o Principe està em necessidade, dobrar os juelhos,  
& nam abrir os thesouros, nam he vicio de avareza, he  
crime de infidelidade. Fè, & liberalidade sam virtu-  
des synonimas, & quem està duvidoso no dar, nam està  
firme no crer. O que os Magos offereceram a Christo  
foi Ouro, Incenso, & Mirra; & dizem todos os Pa-  
dres, & com elles cõformemente a Igreja, que no ouro  
confessaram que era Rey: no incenso, que era Deos: na  
myrrha que era homem. *Auro Regem, Thure Deum, myrrha*  
*mortalem,* Oh grande confirmaçam do que dizemos! De-  
forte q̃ interpretaraõ os Magos a fè pella liberalidade  
& para confessarem tres artigos offereceram tres dona-  
tivos. *Auro Regem, Thure Deum, myrrha mortalem.*

Pois se a fê se explica pella liberalidade, se o dar he synonimo do crer, se a obediencia dos Reys se protesta cõ ouro nas mãos, *Auro Regē*, como não temerei eu q ha rebates de peste, ou sospeitas de pouca fê em Portugal, quando a liberalidade se perverteo em cubica, & em vez de se pagarẽ tributos, pode ser q se multipliquẽ latrocínios? He bõ genero de fê esta? Eu o direi. Pergutaraõ os ministros reaes a S. Pedro se havia seu Mestre de pagar tributo a Cesar, & respõdeo q si, mãdou Christo a Pedro que fosse pescar, q na boca do primeiro peixe acharia a moeda q se pedia. *Et da eis pro me & te*, & pagai, Pedro por mi, & por vòs. Notai. Christo era Senhor do mundo. S. Pedro era Principe da Igreja, & cõ tudo diz o Senhor pagai por mi, & por vòs, *da eis pro me & te*, porq os tributos dos Reys, principalmẽte em tempo de necessidades grãdes, tambẽ os grãdes, & senhores he bẽ q os paguem. Nos bês, & males cõmũs ninguẽ he privilegiado, sintaõ todos o mal q toca a todos Mas naõ era isto o q eu queria pôderar. O em q muito reparo he em mãdar a providẽcia de Christo, q S. Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parece q tocava por razã de officio ao Apostolo, q tinha o dinheiro; pois se Judas era thesoureiro, ou procurador, se Judas era o q tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porque não mãda Christo pagar o tributo a Judas? Direi o porq? Porq quẽ tinha animo pera vêder a seu Senhor, não tinha sitio pera pagar o tributo. Naõ pagou o tributo Judas, porq os Judas não pagaõ tributos. Veja se agora se ha sospeitas de pouca fê, se ha feridas de infidelidade em Portugal.

Glorioso S. esta he a primeira peste de q vos peço nos



25  
livres este Reyno; & senam fora por temor de alguma  
irregularidade, não sey se vos pediri a tambem que cu-  
rasseis como a curou Sam Pedro. Defraudou Ananias a  
parte do preço, que devia pôr todo aos pés dos Aposto-  
los, como agora fazem alguns que pagam a decima,  
mas decimada: mandao vir diante de si S. Pedro, julga o  
crime summariamente, notificalhe a sentença em tres pa-  
lavras, & foram tam rigorosas, & executivas, q̃ no mes-  
mo ponto com assombro, & tremor dos circunstantes ca-  
hio morto aos seus pés Ananias. Tanto rigor em hum  
discipulo de Christo na piedade de hum Apostolo, nas  
entranhas de hum S. Pedro, por huma culpa ao parecer  
nam tam pezada? Si diz S. Ambrosio, & dà a razão *Tan-  
ta erat infectus avaritia pestilentia, ut Sanctus cum Petrus, non  
tam emendare voluerit, quam damnare.* Deu sêteça de mor-  
te repentina S. Pedro a Ananias por defraudador so-  
mente do preço prometido; porque como estava infi-  
cionado com a peste da avareza, & podia inficionar, &  
apestar a outros, teve por melhor tirarlhe a vida, que es-  
perarlhe com perigo a emenda. Cõ este riguroso reme-  
dio se curou ja alguma infidelidade em Portugal, exē-  
plo que he bem ande nas memorias sempre vivo; mas  
aos fielmente Portuguezes bastevos o do glorioso Sam  
Roque para q̃ assi como elle deu estado, riquezas, &  
quanto possuhia pella patria do Ceo, demos nõ tam  
bem com apostada resoluçam quanto temos pella de-  
fensam da nossa. Ainda ha comendas, ainda ha rendas,  
ainda joyas, ainda ha coches, ainda ha galas, & regalos,  
& em quanto houver sangue nas veas, haverà muito q̃  
dar. Dese tudo pella patria, que nella fica, assi como deu

Sam

São Roque tudo para nella o achar. E se o exemplo de S. Roque, por alto, nos desmaya, e ha olhos fracos, q̃ cegaõ cõ tãta luz, abaixemos hũ pouco a vista, & veremos retratada aos pés do S. hũa acção irracional, mas generosa, q̃ quanto mais falta de uso da razão, estranha, & reprehende mais justamẽte as semrrazoẽs de infidelidade humana. Todos os authores antigos fizeraõ ao caõ symbolo da fidelidade; & quando esta nobreza naõ fora taõ antiga naquelle animal, o de S. Roque pudera ganhar este titulo para toda a sua especie. Estava S. Roque no cãpo deitado ao pè de hũa arvore pobre, desconhecido, solitario, enfermo, & no meyo deste desẽparo tinha hũ caõ, q̃ levãdo todos os dias hũ paõ na boca se comer delle bocado, o sustetava. Isto si q̃ he ser leal; isto si q̃ he ser exẽplo da verdadeira fidelidade. Chegar a tirar o paõ da boca para sustetar cõ elle a seu S<sup>or</sup>. Lastima he que carecesse tal generosidade de uzo de rezam, quando vemos tantas almas racionaes tam mal empregadas em fojeito de menos honrados procedimẽtos.

VII. A segunda peste (muito me diteve na passada; ferà esta a peste pequena) A segunda peste, define-se. Muita se, ou muita confiança, & deste mal està inficionada muita gente, que se chamaõ os demaziadamente confiados. Explicome. Ha cidades em Portugal, q̃ sem estarem tam longe de Castella, como Roma de Cartago, nem as dividir hum mar, senam hum pequeno rio, & a algumas huma linha Mathematica; taõ confiadas estam de si mesmas, q̃ por mais que sã mandadas fortificar, naõ se fortificam, havendo (a maneira dos Spartanos) que onde estamos peitos de seus Cidadãos nam

22  
são necessarias muralhas. Ha homens em Portugal, que  
sem terem gastado os annos nas escholas de Flandes,  
nem campeado nas fronteiras de Africa, por mais q̃ os  
mãdão ter armas, & exercitallas tẽ por afronta, ou por  
ociosidade este exercicio; como se fora contra os fôros  
da nobreza prevenir a defensão da patria, ou poderaõ,  
sem exercitar as armas, entrar naquelle numero orde-  
nado de gente, que por constar de homens exercitados  
se chama exercito. He boa confiança esta com o ini-  
migo á porta? Hemuy demaziada, & muy errada con-  
fiança desconfiar por temor, he covardia; mas desconfiar  
por cautella, he prudencia. Nam quero desconfiança q̃  
faça desmayar; desconfiança que faça prevenir, si. E es-  
te segundo modo de desconfiar he muy necessario,  
principalmente aos Portuguezes, cujo demaziado va-  
lor os fez algumas vezes tam confiados, que o vieram  
a sentir mal prevenidos. A moderada desconfiança, não  
he achaque, senam esmalte da valentia. O valente dizẽ  
que hade ser desconfiado, ao menos hum soldado Fran-  
cez sey eu, & na milicia de sua profissima soldado de  
fama, o qual sempre foi valente ao desconfiado; S. Ro-  
que. O que pondero he que deixo u Sam Roque huma  
vez a patria, & despois se tornou pera ella. Que deixaf-  
se a patria quẽ queria seguir a Christo com seguro di-  
stame obrava; que no remanso perigoso da patria, prin-  
cipalmente os poderosos como Sam Roque mais occa-  
siam tem de offender, que de servir a Deos, pois se dei-  
xa a patria, & foge della: porque a torna a buscar? Em  
huma, & outra resoluçam obrou como desconfiado Ro-  
que. A primeira vez fugio da patria, porque desconfiou  
de

de sua virtude: a segunda vez tornou para a patria por que desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discurso o Santo entre valente, & desconfiado consigo. Eu se fico na patria, as occasioens sam muitas: se me falta virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? não ha outro senão fugir; alto, deixemos a patria. E despois de ater deixado, como se tornàra sobre si: fugir (diz Roque) he covardia: nam querer vir às mãos com o inigo, he pouco valor. Pouco valor em hum soldado de Christo? Nam ha de ser assi: animo, volte-mos outra vez para a patria; & assi o fez. Elias retratado. Foge Elias de Iesabel, que lhe queria tirar a vida, chega ao deserto, & começa, a chamar, & desafiar a morte. *Potivit animæ suæ, ut moreretur.* Tudo succedeo no mesmo dia para ser mais achada a repugnância. Se teme o Propheta a morte, como a chama? E se foge della na cidade; como no deserto a desafia! Sam desconfianças de hum bem entendido valor. Na cidade fugio da morte porque desconfiou de sua fortaleza: no deserto desafiou a morte, porque desconfiou de sua fugida. O meyo em que consiste a fortaleza he entre o temor, & a ousadia temeo, & ousou Elias sempre desconfiado, para em huma, & outra acção se mostrar valente. Tam longe està de valente o timido, como o temerario; & se em alguma parte està mais perigosa a cõservaçam, he na presunçam de segura. Nem aqui nos faltará o Evangelho.

Quer Christo que estejamos em vella, bem assi como o fazem os servos diligentes, que esperam por seu Senhor. *Vt cum venerit, & pulsaverit* [Aqui reparo]

para que quando vier a bater. Bater? logo fechadas ham de estar às portas. Pois se fazem tantas diligencias, por pressa, & mais pressa, se ham de estar as roupas na cinta, se ham de estar as tochas nas mãos, essas ja accesas; porque não estaram tambem as portas abertas? Porque ensinava Christo a seus discipulos a ser vigilantes, & não bastam para a segura vigilancia olhos abertos com portas abertas: senam olhos abertos com portas fechadas. *Vt cum venerit, & pulsaverit.* Para que quando vierem de fôra achem em que bater primeiro. E se não bastam olhos abertos com portas abertas; que seria portas abertas cõ olhos fechados? Por semelhante de scuydo se perdeu Troya. *Panduntur portæ.* Eis ahi as portas abertas. *Invadunt urbem somno vinoque sepultam.* Eis; ahi os olhos fechados. O que importa he moderar a confiança com a cautella, & segurar o valor com a vigilância: vigiar, armar, & fortificar, exercitar, trabalhar, q̃ ainda que se tem trabalhado tanto, a empresa foi muito grande, & he necessario mais.

VIII. E o q̃ mais necessario he q̃ tudo (atègora como a Portugueses, agora como a Christãos) he que as negligencias de dentro nam desanimem, & descomponhaõ as diligencias de fôra. Quem me dêra neste passo as forças, & o spiritu que não tenho. He possível que quando estamos recebendo enchenes de beneficios da divina misericordia, não façamos se não provocar com peccados a divina justiça! que quando deveramos andar humildes, & a gradecidos a tantas merces, armemos os favores do Ceo contra o mesmo Ceo, & façamos guerra a Deos com seus beneficios! que a-

inda



inda se guarde pouca justiça! que ainda se trate pouca verdade! que agora reynem mais as invejas! que agora estejaõ mais em seu ponto as ambiçoens? que agora, por que Deos está por nós, nos ponhamos nós contra elle; he boa confiança esta: Grandes motivos nos tem dado Deos de grande confiança; mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigaçoens. *Et vos stoti parati* (diz Christo por conclusam do Evangelho) *quia qua hora non putatis filius hominis veniet*. Estai preparados; & prevenidos, porque na hora em que menos o imaginais, vos pediram conta da vida. Muito he diffcultar Christo o remedio em hũa hora, a quem o pode ter num instante! Se hum instante basta (que tal he a bondade de Deos) para hum arrependimento final, como nos atemoriza o Senhor cõ as brevidades de hũa hora? Parece que he estreitar os limites, & diminuir a opiniaõ gloriosa de sua misericordia infinita. Assim parece, não ha duvida; mas quer Deos antes menos reputada sua misericordia que demasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deos offendendoo, he venerar hum attributo com injuria doutro, & presumillo tam misericordioso; que possa ser menos bom. *Absit vt ita aliquis interpretetur*: Deos nos livre de sermos tam mãos interpretes de sua bondade (diz Tertuliano) *quasi ex redundantia clementiae caelestis, libidine faciat humane temeritatis*: que nos sirva de tentação a liberalidade divina, & façamos costas a nossas temeridades cõ os exemplos continuos de suas misericordias.

Miseria he, & cegueira de entédimentos grande, que nos traga desvanecidos, & descuidados, o que nos de-

vera fazer humildes, & temerosos. Porque Castella se  
 vay percipitando a tão conhecida ruina nos damos nós  
 por seguros? O miseria! porque Castella se vé em esta-  
 do, q̃ já não pode resistir a seus inimigos, nos imagina-  
 mos vencedores dos nossos? O cegueira! Alegranos vã-  
 mente o q̃ nos devera confudir, animanos o q̃ nos deve-  
 ra assombrar, & enchenos de confiança, o que nos devè-  
 ra encher de temor. Não fallo do temor q̃ faz temidos,  
 senão do temor q̃ faz timoratos; não do temor que faz  
 temerosos dos homẽs, senão do temor q̃ faz tementes a  
 Deos. Pergunto, senhores, porque està Deos irado con-  
 tra Castella, & a castiga tão rigurosamente? Não ha du-  
 vida, q̃ por seus peccados, por suas maldades, por suas in-  
 justiça, por suas soberbas, por suas incōtinências, &c. bo-  
 as testemunhas somos como cōplices hũ tẽpo dos mes-  
 mos delitos. Pergunto mais. O Deos de Castella, he o  
 mesmo q̃ o de Portugal, ou outro? Esta pergũta não tẽ  
 resposta. Pois o Deos he o mesmo, & em Castella castiga  
 peccados; como ha de premiar peccados em Portugal?  
 Se Castella té a ruina em seus vicios; como havemos nos  
 de ter a segurança nos nossos? Oh q̃ bẽ apertou a força  
 desta razão o Propheta Nahũ fallado cō a cidade de Ty-  
 ro. *Num quid n̄ elior es: Alexādia populorũ, quæ habitat in flu-  
 minibus, &c.* Por ventura, ó Tyro sois vós melhor que a  
 grande cidade de Alexandria cabeça de tantas Provin-  
 cias? Por ventura, ò Portugal, sois vós mayor, & mais  
 populoso, que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et  
 tamen ipsa abiit in trasnigrationem;* & com tudo Alexan-  
 dia, ò Tyro foi destruida, & com tudo Hespanha, Por-  
 tugal vay se acabando. Pois se a Monarchia famosa das  
 Hes-

Hespanhas: se aquella, que pouco ha dominava facilme-  
 te o mudo, assi a castiga, & aniquila Deos por seus pec-  
 cados: se lhe não val a Hespanha seu dilatado Imperio,  
 senão se sustenta nos estribos de sua grãdeza, se de suas  
 proprias entranhas brotaõ as labaredas, com que se vay  
 consumindo este Ethna, se tantos exercitos espalhados  
 pello mundo a não defendem, se tantas frotas, & tantos  
 milhoens a não socorrẽ, se tantas oraçoens (que he ma-  
 is) & tanto culto divino, se tantas penitencias, & sacri-  
 ficios não bastaõ a ter mão no braço irado da divina jus-  
 tiça: se tão provaçaõ a Deos os peccados de Hespanha,  
 porque não teme Portugal os seus; porque os não teme,  
 & os não chora? Não nos femos indiscretamente em  
 milagres, & favores do ceo: porque em grandes miseri-  
 cordias ensaya Deos grande castigo, & todo este bem  
 perderemos, se formos ingratos: Com grandes milagres  
 & prodigios livrou Deos ao povo de Israel do cativeiro  
 de Faraõ em q̃ estavaõ, & com tudo de tantos mil q̃ sa-  
 hiraõ do Egypto, porq̃ peccaraõ despois de taõ grãde  
 merce, só dous entarãrãõ na terra de promissaõ. Liber-  
 touos Deos por affligid os, & despois castigouos por in-  
 gratos. Fiquenos esta advertẽcia Christãos, cõsidere-  
 mos bé esta verdade, obremos pellos dictames deste de-  
 sêgano, para q̃ saibamos o q̃ principalmẽte devemos te-  
 mer, & sobre que bases podemos fudar segura a firme-  
 za de no ssas confianças. Agradar, & servir a Deos, & lo-  
 go confiar animosamente.

E para q̃ sejaõ efficazes estes remedios, Roque divi-  
 no, de baixo de vossa prottecçaõ, & favor esperamos os  
 effeitos de virtude Francez, & Portuguez sois glorio-

so Santo, & em hum, & outro titulo estam bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor, nos socorrerá q̃ hum Francez quando as florentes Lizes de França com tão hermanada correspondencia, assistem ao lado das Quinas Portuguezas? E quem mais natural Portuguez, & mais verdadeiro, que aquelle, que nasceo cō o habito de Christo sobre o peito esquerdo publicãdo que era cavalleiro Frãcez por geraçãõ, mas Portuguezes por nascimento? Todo o Reyno de Portugal vos encomendo divino Roque, pois tam duplicadas são as razões cō que confia em vosso favor. Encomendovos esta Cidade que cōm tanta devaçãõ, & frequencia solemniza vossas sagradas memorias. Encomendovos esta Casa, que tam autorizada està com vosso patrocínio, & tão rica & tão santificada com o thesouro de vossas preciosas reliquias Encomêdovos, mas não vos encomendo, que não he necessario, a vossa real, & illustrissima Irmandade, em que vos serviraõ os Reys, & vos serve a melhor nobreza, & particularmente, como tam particular nelle, vos encomendõ glorioso Santo, a quem hoje com tam lembrada prevençãõ, & com tão anticipada liberalidade celebra vossa festa ausente. A pessoa, a causa, os beneficios pedê que tenhais boas ausencias com quem as sabe ter tam pontuaes; & ainda que em distãcia tanta; là chega tam bem ajurdiçãõ milagrosa de vossos poderes, que a hostilidade de nossos mal reconhecidos amigos, q̃ ainda alli não cessa, peste foi daquelle estado, & peste do mūdo. Deste mal tam pernicioso nos ajudai a livrar poderoso Santo, aquella tam dilatada Provincia, a mais rica, e mais preciosa joya desta Coroa; para q̃ ou no descanso  
da

da verdadeira paz, e na superioridade de victoriosa guerra, se luza a conhecida prudencia, & valor de quem vos serve, & governa, & o sempre, & em toda a parte eficaz patrocínio de vossa sagrada intercessão, pela qual esperamos tambem, mediatamente a graça, a gloria.

*Quam mihi. &c.*

**LAVS DEO.**





AS

71-191  
R. B. Rosenthal  
Nov. 70

PAID 10/10

CAG42  
V 6585

